

# **A FORMAÇÃO ESCOLAR DA CLASSE TRABALHADORA A PARTIR DE GRAMSCI**

## **THE SCHOOL EDUCATION OF THE WORKING CLASS FROM GRAMSCI**

Hanen Sarkis Kanaan<sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo tem como objetivo estimular a reflexão a partir dos estudos de Gramsci sobre educação a partir de alguns escritos do autor publicados entre 1915-1920, a fim de ponderar sobre as mudanças na legislação do ensino médio brasileiro a partir de 2022 quando foi iniciada a implantação da BNCC. Esta nova reforma do ensino médio não dialoga com as necessidades formativas dos filhos dos trabalhadores o que nos permite cotejar com a reforma Gentile implantada por Mussolini e criticada por Gramsci. Apresentar as contradições dos processos educativos é fundamental para se buscar a mudança.

*Palavras-chave:* Hegemonia. Liberdade. Sociedade. Educação.

### **Abstract**

This article aims to stimulate reflection from Gramsci's studies on education from some author's writings published between 1915-1920, in order to ponder the changes in Brazilian high school legislation from 2022 when the implementation of the BNCC was initiated. This new reform of high school does not dialogue with the formative needs of the children of workers, which allows us to collate with the Gentile reform implemented by Mussolini and criticized by Gramsci. Presenting the contradictions of educational processes is fundamental to seek change.

*Keywords:* Hegemony. Freedom. Society. Education.

### **Introdução**

Estamos vivendo um momento onde a educação brasileira está passando por grandes mudanças, como a Itália passou cem anos antes em 1922 com a reforma Gentile, objetivo portanto desse artigo é estimular a reflexão sobre a tarefa da escola no contexto de política conservadora. Os escritos de Gramsci nos servem de referência e, para tanto, retomamos alguns dados de sua biografia: Gramsci, vivenciou o processo de contradição escolar desde sua infância, frequentando um sistema escolar que não dialogava com sua realidade nem valorizava seus saberes;

---

<sup>1</sup> Docente na rede pública estadual de Santa Catarina como professora do curso de magistério. Mestre em Educação pela UNIVILLE. E-mail: hanensc@gmail.com - <https://orcid.org/0000-0003-0665-6783>

mesmo sendo um bom estudante, não se reconhecía naquele espaço e essa trajetória tortuosa, marcou sua vida e seu modo de se relacionar com a educação escolar, como ele aponta em um escrito autobiográfico, que compôs um artigo do jornal operário no qual ele atuava como jornalista,

Recordo um pobre rapaz que não pôde frequentar os cultos bancos das escolas de sua cidade por ser doente e se preparou sozinho para o exame, ai de mim que modesto, de liberação de uma obrigação moral. Mas quando, insignificante, se apresentou ao mestre, ao representante da ciência oficial, para lhe entregar o pedido sublinhado, para impressionar, na mais bela caligrafia; aquele, olhando através de seus óculos científicos, perguntou carrancudo: "Sim, está bem, mas acreditas que seja assim fácil o exame? Conheces, por exemplo, os 84 artigos da Constituição?" E o pobre rapaz, esmagado por aquela pergunta, se pôs a tremer, chorando desconsoladamente voltou para casa e naquele momento não quis fazer o exame. (Gramsci, 2022, p 207).

Quando adulto ele viveu o período de implantação a Reforma Gentile, elaborada por Giovanni Gentile reforma do sistema escolar e universitário italiano elaborada pelo ministro da Educação de Mussolini entre outubro de 1922 e julho de 1924, como parte da proposta fascista de reforma do Estado, com implicações educacionais e os impactos sociais provocados pela mesma aos filhos da classe trabalhadora.. Esta lei veio substituir, por uma complicada manobra administrativa, a antiga Lei Casati, de 1859-1860 que até então organizava a estrutura escolar. A reforma promovida por Gentile apresentou à sociedade italiana uma proposta de organização escolar moderna e "democrática" e que permitia o ingresso dos subalternos no mercado de trabalho industrial urbano. Um caminho muitas vezes precoce que impedia a continuidade da formação escolar universitária.

A reforma Gentile trouxe profundas mudanças à educação secundária italiana ampliando a oferta de educação profissional para os filhos da classe trabalhadora e atuando na manutenção dos privilégios de classe já existentes. Enquanto se antecipava a entrada no mercado de trabalho aos filhos dos subalternos, os filhos da elite tinham acesso à universidade e à cultura humanística. A reforma em questão ampliava a escola pública e criava uma falsa ideia de democracia e de acesso ao conhecimento, em um momento em que a Itália buscava formar trabalhadores para a indústria e para isso era necessário impregnar nos filhos dos trabalhadores os valores do sistema capitalista como competitividade e subserviência, e a escola era o local ideal para desenvolver esses valores.

Já nos escritos jornalísticos Gramsci alerta para o problema da escola e apresenta sua perspectiva sobre a importância e o encaminhamento da educação escolar: o Estado precisa garantir “Uma escola que não hipoteque o futuro do menino e constrinja sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se num sentido cujo objetivo seja prefixado”. A escola deveria ser um espaço de construção da liberdade e não de orientação mecânica. “Também os filhos dos proletários devem possuir diante de si todas as possibilidades, todos os campos livres para poder realizar sua própria individualidade da melhor forma e, por isso, do modo mais produtivo para eles e para a coletividade” (GRAMSCI, 1980, p. 669).

A escola profissional não deve se transformar numa incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos para um ofício, sem ideias gerais, sem alma, mas apenas com olho infalível e mão firme. Também através da cultura profissional é possível fazer brotar do menino um homem; desde que essa cultura seja educativa e não só informativa, ou não só prática e manual. GRAMSCI, 1980, pp. 669 – 671).

A crítica gramsciana precisa ser inserida tanto no âmbito de sua própria formação individual quanto no contexto de sua militância política, que o colocou ante a realidade dos trabalhadores de fábrica. Cabe ainda salientar a importância do processo formativo na organização do movimento operário, como caminho de autonomia individual e emancipação política. Sua preocupação com a escola e a reforma escolar vigente se insere nesta conjuntura, aliada ao projeto socialista em curso, a partir do qual ele projeta uma nova escola de formação “desinteressada”, isto é, de formação integral para o pensamento livre e a construção de uma nova sociabilidade: uma escola que ele daria o nome de escola única, formadora da cultura geral, humanista, filosófica e desinteressada na formação imediatista que se oferece à classe trabalhadora. Uma escola que não deixaria de ser para o trabalho, como aponta a seguir:

É o proletariado que deve reivindicar, que deve impor a escola do trabalho. Tudo aquilo que serve para intensificar e melhorar a produção interessa de perto ao socialismo e ao proletariado. Que as indústrias e o comércio italianos se sirvam dos operários especializados italianos e estes igualem em valor e competência os melhores especialistas dos outros países, é um programa sobre o qual se deve concordar. Não exclusões para fins de guerra econômica,

não protecionismos, nem para o proletariado. Mas sim concorrência leal de capacidade, disputa por um maior aproveitamento dos produtos da inteligência, para que sejam dados a todos os meios necessários para a própria elevação interior, ao comissionamento do valor das próprias boas qualidades. (...)pela escola do trabalho, da qual germine a nova geração dos produtores, que dê ao país menos sonetos e romances e mais máquinas e chaminés (Avanti!, 18/07/1916). In: GRAMSCI, Antonio. Cronache Torinesi (1913- 1917). Torino, Einaudi, 1980, p. 440-442, (Nova atribuição)

Hoje, 100 anos depois o Brasil também vive o dilema de uma reforma educacional a partir da Base nacional curricular comum, que apresenta uma roupagem democrática que amplia a oferta da educação profissional, que mantém os privilégios educacionais de classe, subordina-se a interesses internacionais no campo da educação e antecipa a entrada dos subalternos no mercado de trabalho: é sobre essas questões que vamos conversar ao longo do texto.

Os questionamentos que o sardo revolucionário Antônio Gramsci fazia sobre a educação escolar dos filhos da classe trabalhadora no início do século XX ainda ecoam na atualidade. Mesmo em contextos diferentes, com os avanços tecnológicos, as transformações nas relações sociais e trabalhistas se metamorfosearam, mas os dilemas sobre a educação escolar que se deseja para a classe trabalhadora permanecem os mesmos porque, não foi possível ainda se libertar do modelo de escola capitalista forjada com a revolução industrial, que reduz a aprendizagem a formação para o emprego fabril, sem estímulo a uma formação humanista com uma perspectiva crítica que possibilite a reflexão acerca do mundo que se vive.

Para Gramsci a única escola possível para a classe trabalhadora era a escola unitária, que defendia a formação integral e o acesso dos educandos a elementos da cultura, forjada pela ciência, tecnologia, filosofia e arte, oportunizando a apropriação desse patrimônio cultural construído pela humanidade, possibilitando a ampliação do entendimento sobre o mundo para ter assim mais consciência de si e das coisas que o cercam, para assim se transformarem em sujeitos históricos capazes de entender e transformar sua realidade.

A escola unitária pensada por Gramsci, daria conta a partir do processo de ensino e aprendizagem, de estimular o pensamento crítico e a ação sobre o mundo a partir do saber e do fazer. O saber ajuda a construir a consciência crítica a partir do entendimento sobre o mundo, porque ajuda

a pensar sobre ele, reconhecer suas contradições e problemas buscando soluções. O conhecimento estimula a criatividade, o reconhecimento como sujeito capaz de agir no mundo, transformando seguindo suas necessidades a partir do domínio da produção social, da ciência e seus aparatos, capacitando o jovem para o mundo do trabalho e para a vida social, como aponta Saviani,

Se a existência humana não é garantida pela natureza [...] mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem [...] necessita aprender a ser homem [...] a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo (SAVIANI, 2007, p. 154).

Gramsci, entendia a educação escolar como parte de um processo de emancipação e ação consciente sobre o mundo, mas para ele a escola burguesa não dava conta disso, tinha uma perspectiva de classe, era excludente e não considerava as necessidades dos trabalhadores. Para o autor, a escola unitária como ele apresenta a seguir daria conta dessa formação tão necessária para a formação do sujeito de um novo tempo, para uma nova sociedade, como vemos em Carta a Giulia, de 1932:

A escola unitária é a formulação mais madura de escola em Gramsci. Ela assume o ideal de formação integral do humano, um ser desenvolvido tão completamente quanto possível em relação às capacidades intelectuais e manuais, síntese do “[...] engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, recriando [...] o homem italiano do Renascimento, o tipo moderno de Leonardo da Vinci transformado em homem-massa ou homem coletivo, ainda que mantendo sua forte personalidade [...] individual” (GRAMSCI, 2005, p. 225).

O revolucionário sardo, entendia que a escola burguesa, não oferecia aos jovens igualdade de oportunidade de acesso à cultura. A escola destinada a essa parcela da sociedade tinha como objetivo a formação profissional “interesseira” porque não fixava no desenvolvimento integral dos estudantes, e sim na formação para o mercado de trabalho de maneira alienada e descontextualizada, que não permitia uma leitura crítica da sociedade e suas contradições. Como entusiasta de processos educativos, Gramsci entendia a educação como um processo vivo e dinâmico, capaz

de formar e transformar as pessoas e a sociedade como podemos observar a seguir quando ele fala sobre a escola dos trabalhadores:

A nossa escola é viva porque vocês, operários, trazem para ela a melhor parte de si, aquela que o cansaço da fábrica não pode extrair: a vontade de tornarem-se melhores. Toda a superioridade de sua classe neste momento obscuro e tempestuoso, nós a vemos expressa neste desejo que incentiva uma parte sempre maior de vocês, desejo de adquirir conhecimento, de tornarem-se capazes, donos de seus pensamentos e ações, artífices diretos da história de sua classe. A nossa escola continuará e produzirá os frutos que lhe for possível: a escola está aberta a todos os acontecimentos, qualquer caso que amanhã poderá distanciar e dispersar todos nós que hoje nos reunimos em torno a ela e a ela comunicamos ou dela tomamos um pouco de calor, da fé que nos é necessária para viver e para lutar; mais tarde faremos as contas, mas por enquanto assinalamos isto, por garantia, a impressão de confiança que nos vem das primeiras lições, do primeiro contato. Com o espírito dessas primeiras lições, queremos seguir em frente (GRAMSCI, 2022, p.255).

Para o autor, a escola também era o espaço da cultura popular, assim como da erudita onde todos deveriam aprender com a vivência e a troca de experiências, mas para Gramsci a cultura ia além porque tinha relação com a liberdade de espírito e a criatividade entrando em conflito com a perspectiva capitalista de formação escolar: para o político sardo, cultura e educação implicam trabalho coletivo, construção de unidade preservando diferenças, projeto político compartilhado com a participação efetiva de todos. Estas são as bases de definição do pensamento livre: um pensamento que não é individual e solitário, como defendem os liberais, mas pensamento construído coletivamente, com a participação de todos, a fim de renovar as formas de convivência humana.

Segundo Gramsci a escola possui uma função educativa positiva, que aliada ao sistema jurídico compõe o aparato da hegemonia política e cultural das classes dominante, levando assim a função da escola para além dela mesma, já que ela permeia todas as relações sociais, sendo o Estado a expressão do equilíbrio entre a sociedade política e a sociedade civil. As consequências dessa perspectiva na educação escolar é o aprofundamento das desigualdades sociais, de oportunidades e o desemprego de milhares de jovens que com uma qualificação precária encontrarão dificuldades de

alçar voos mais altos no mundo do trabalho. Para Saviani, a educação é um processo de dominação de classe.

(...) A classe dominante, a classe dos proprietários, tinha uma educação diferenciada que era a educação escolar. Por contraposição, a educação geral, a educação da maioria era o próprio trabalho: o povo se educava no próprio processo de trabalho. Era o aprender fazendo. Aprendia lidando com a realidade, aprendia agindo sobre a matéria, transformando-a (SAVIANI, 1994, p. 152-53).

E contra essa perspectiva educacional excludente que Gramsci lutava e ainda hoje sonhamos em superar, para então reconstruir a partir dos interesses de classe e da coletividade uma nova escola, condizente com os interesses coletivos de convivência social e humana, capaz de formar indivíduos realmente livres e capazes de transformar a realidade.

Na ordem do dia estava esta questão: como deve ser educado o povo? Como devem ser preparados para a vida do trabalho, que os espera, os jovens da classe operária? Que orientação deve ter o trabalho pedagógico na escola italiana, seja em relação às necessidades práticas, quanto em relação àquelas intelectuais e morais dos futuros trabalhadores? (GRAMSCI, 2022, p.236).

A educação escolar acaba sendo construída de “cima para baixo”, ainda que se crie mecanismos de participação, ela é limitada e direcionada para que se aprove os interesses da classe dominante. A participação popular deveria ser permanente e não esporádica, permanente e escrutada dentro de um sistema que garantisse representatividade, influenciando assim de fato na construção da política educacional desenvolvendo um sistema que atendesse as demandas populares, oportunizando formação e mobilidade social. Como Gramsci nos leva a refletir,

Que a classe dirigente e os intelectuais que estão a seu serviço queiram impor para as grandes massas de trabalhadores rurais e urbanos um plano de educação que sirva para formar um estado de consciência e uma mentalidade conformes aos seus objetivos de dominação é coisa muito natural e toda a história das instituições pedagógicas a confirma (GRAMSCI, A. Sotto la Mole (1916-1920). Torino: Einaudi, 1975. p. 265-266).

A consequência desse processo fragilizado de educação escolar que não dialoga nem com o mundo do trabalho tão pouco com a formação propedêutica tão necessária a formação da cidadania participativa, não oportuniza que os filhos da classe operárias, consigam alcançar postos qualificados no mercado de trabalho. Provocando um “apagão de mão de obra”, colocando esse jovem em condição e precariedade por conta de uma formação ruim e tirando da indústria sua competitividade frustrando todos os envolvidos nessa cadeia produtiva. Mas ainda sim pouco se avançou e quando se caminhou sempre foi dialogando com as demandas do mercado de trabalho e dos arranjos produtivos locais em detrimento dos interesses dos jovens em seu processo de formação. A arte e a música saem de cena para a educação profissional entrar, já que a primeira é voltada para a formação da elite e não pode caminhar com formação dos jovens trabalhadores ao longo do século XX e início do século XXI. Para Gramsci a educação escolar deveria ser pautada em relação que estimulasse a cidadania participativa e o conhecimento, a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolares”, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, “amadurecendo” e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior. Esta relação existe em toda a sociedade no seu conjunto e em todo indivíduo com relação aos outros indivíduos, entre camadas intelectuais e não intelectuais, entre governantes e governados, entre elites e seguidores, entre dirigentes e dirigidos, entre vanguardas e corpos de exército. Toda relação de “hegemonia” é necessariamente uma relação pedagógica, que se verifica não apenas no interior de uma nação, entre as diversas forças que a compõem, mas em todo o campo internacional e mundial, entre conjuntos de civilizações nacionais e continentais (GRAMSCI, 1999, p. 399).

O século XXI, foi marcado por uma nova reestruturação do capital, pautado na intensificação do ritmo do trabalho fabril e na polivalência e o ensino médio foi a modalidade de ensino escolhida para moldar o jovem para o trabalho nesse novo cenário. Como modalidade escolar foi criada uma política para adequá-la a essa nova perspectiva de mercado de trabalho e se adequou ao ideário neoliberal pela reestruturação produtiva e flexibilização das relações de trabalho e por um Estado que tinha mesmo em processo de redemocratização, não tinha como interesse formar trabalhadores oferecer uma formação escolar pautada na escola unitária que possibilitasse uma perspectiva crítica e emancipadora de educação para atender a burguesia industrial nacional e internacional.

Gramsci (2022, p.255), afirma que o proletariado necessita de uma escola desinteressada. Uma escola que seja dada ao menino a possibilidade

de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir aqueles critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter. E a escola pública que se constituiu ao longo da história mesmo com todos os processos de luta, não dialoga com os interesses da classe trabalhadora e retira do jovem a possibilidade da formação integral e a forma em uma perspectiva funcionalista, que limita sua atuação profissional e sal perspectiva de vida. Seus escritos continuam a nos incentivar a renovar a escola pública:

A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola “desinteressada” (não imediatamente interessada) e “formativa”, ou de conservar apenas um seu reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e de mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados. A crise terá uma solução que, racionalmente, deveria seguir esta linha: escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (tecnicamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual. Desse tipo de escola única, através de repetidas experiências de orientação profissional, passar-se-á a uma das escolas especializadas ou ao trabalho produtivo (GRAMSCI, 2006b, p. 33-4).

## **Breves Reflexões Conclusivas**

A educação profissional brasileira, historicamente nunca esteve focada na formação do sujeito para o mundo do trabalho e seus interesses formativos e sim nos arranjos produtivos locais, na perspectiva econômica. Essa formação tem foco a manutenção do sistema e que se consolidou na contemporaneidade. Os cursos profissionalizantes atendiam os filhos da classe subalterna para formação de mão de obra que atendesse as demandas do processo de industrialização brasileira e essa perspectiva se torna hegemônica. A característica economicista da educação profissional, persistiu a virada do século XX para o XXI persistiu e o caráter economicista e se integrou ao novo ensino médio com o esvaziamento de conteúdo e redução de carga horária de disciplinas da área de ciências humanas e a introdução de disciplinas, como projeto de vida, empobrece a formação e aliena o estudante de sua realidade concreta. A inclusão de disciplinas como empreendedorismo em comunidades onde a precariedade da vida assola, uma parcela significativa, não estimula a participação coletiva. E só

uma educação pública que tenha a coletividade como princípio formativo e a cidadania participativa, perspectiva poderia de fato transformar a realidade dos jovens e da classe trabalhadoras como um todo.

Quando refletimos sobre as reformas educacionais a partir de Gramsci e seu contexto, no deparamos com a implantação de Base nacional comum curricular, bem como o papel dessa reforma na vida nos jovens inseridos no ensino médio a partir dela. Ela promete modernidade, com um currículo diversificado, que dialoga com o mundo do trabalho. Porém na prática o principal objetivo é a formação de mão de obra para atender as demandas de mercado e os arranjos produtivos locais, desconsiderando os interesses dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

O que temos no horizonte ainda é a necessidade de construir um projeto de ensino médio que que dialogue com o interesse dos filhos da classe trabalhadora e que a educação profissional caminhe com a educação geral oportunizando uma formação que encante, forme e mobilize para a transformação da realidade a partir da cidadania participativa e a formação educacional em todas as suas dimensões o trabalho, a ciência e a cultura em uma perspectiva integral e ampla, onde a formação para a vida seja o ponto de partida.

## Referência

- CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan./jun. 2011. Disponível. Acesso em: 20/11/2022.
- GRAMSCI, Antonio. **Cronache Torinesi (1913 – 1917) - (A cura di Sergio Caprioglio)**. Torino: Einaudi, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. **Sotto la Mole (1916-1920)**. Torino: Einaudi, 1975.
- GRAMSCI, Antonio. **Cronache Torinesi (1913- 1917)**. Torino, Einaudi, 1980.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Vol. 1. Rio de Janeiro, Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. **Cartas do cárcere (1931-1937)**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. v. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- GRAMSCI, Antonio. **Escritos escolhidos (1915-1920) / Anita Helena Schlesener, Ana Paula Schlesener. – Marília: Lutas Anticapital, 2022.**
- FRIGOTTO, Gaudêncio. “Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI”. In: **Revista Brasileira de Educação**. Vol.16, no.46. Rio de Janeiro Jan./Apr. 2011.
- SAVIANI, Dermeval. Trabalho como princípio educativo frente à novas tecnologias. In. FERRETI, C. J. et. al. (orgs); **Tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar**. 3ª ed. Petrópolis-RJ, Vozes, 1994.

Submetido em abril de 2023  
Aceito em junho de 2023  
Publicado em agosto de 2023

